A ATUAÇÃO DE MULHERES GUARDIÃS DE SEMENTES CRIOULAS NO CONTEXTO DA AGROECOLOGIA: PRÁTICAS E SABERES

EDILSON MIGUEL CARDOSO MAIA[1];
RAQUEL DORIGAN DE MATOS[2]

[1]*Universidade Estadual do centro-Oeste, UNICENTRO – edilson.cardo@gmail.com*
[2]*Universidade Estadual do centro-Oeste, UNICENTRO – rdmatos@unicentro.br*

Contextualização

A crise socioambiental contemporânea, agravada pela expansão do agronegócio e pela mercantilização crescente da vida, impõe significativas pressões sobre os territórios camponeses, sobre a biodiversidade agrícola, bem como sobre os saberes e práticas das comunidades que historicamente mantiveram vivas as sementes crioulas. A perda acelerada de variedades locais e a dependência crescente de insumos externos configuram uma ameaça tanto para a diversidade biológica, quanto para a autonomia das populações camponesas (Shiva, 2003; Altieri, 2004). Nesse cenário, o debate agroecológico ganha contornos cada vez mais urgentes, articulando dimensões ecológicas, culturais, políticas e de gênero que desafiam as lógicas dominantes de produção e reprodução da vida no campo (Petersen; Dal Soglio; CAPORAL, 2009). As sementes crioulas são as variedades localmente adaptadas, selecionadas e conservadas por gerações de agricultoras e agricultores e constituem muito mais do que insumos produtivos. Elas são repositórios vivos de memória biocultural, suportes materiais de autonomia alimentar e vetores de relações comunitárias de reciprocidade e cuidado (Toledo; Barrera-Bassols, 2015). A guarda dessas sementes é um trabalho realizado, na maioria das vezes, por mulheres, cujas práticas de seleção, conservação, troca e circulação representam uma economia moral do comum que permanece invisibilizada tanto nas estatísticas agrícolas quanto nas teorias sociais convencionais (Siliprandi, 2015). Essa invisibilidade não é casual e expressa a operação conjunta do sexismo e do colonialismo epistêmico, que historicamente desqualificam os saberes produzidos por mulheres e por povos não-ocidentais como não científicos ou pré-modernos (Quijano, 2005). No Brasil, movimentos de mulheres camponesas e coletivos agroecológicos têm protagonizado resistências concretas à homogeneização genética imposta pelo modelo hegemônico de produção agrícola, baseado em sementes transgênicas, agrotóxicos e dependência de insumos externos. Siliprandi (2015) documenta como essas mulheres não apenas reproduzem práticas agrícolas tradicionais, mas as ressignificam politicamente, convertendo o cotidiano do trabalho com a terra em espaço de elaboração de identidades coletivas e de construção de alternativas ao desenvolvimento rural convencional. Entre essas experiências, destaca-se o Coletivo Triunfo, grupo que possui mulheres guardiãs de sementes crioulas que, a partir de suas práticas cotidianas de cuidado com a terra e com a biodiversidade constroem formas alternativas de produção do conhecimento, de organização comunitária e de afirmação política. A presente pesquisa parte da compreensão de que essas mulheres não apenas conservam sementes, mas produzem territórios de resistência, entrelaçando prática agrícola, saber popular e vínculos afetivos, um projeto de mundo que confronta estruturalmente o capitalismo agrário e o patriarcado rural. Como aponta Santos (2006), as experiências que escapam à racionalidade dominante constituem uma "sociologia das ausências" em formas de existência e de saber que precisam ser tornadas visíveis para que se possa pensar alternativas ao presente. Investigar esse processo exige instrumentos teóricos e

metodológicos capazes de apreender tanto a materialidade das práticas quanto os sentidos que as atravessam, bem como as dinâmicas de reconhecimento e de luta que lhes são constitutivas (Honneth, 2003; Fraser, 2007). Nesse contexto, esta pesquisa mobiliza duas vertentes teóricas complementares: a teoria do reconhecimento de Axel Honneth (1992, 2003), com sua tríade de amor/respeito, direitos e estima social, e a teoria da paridade participativa de Nancy Fraser (2000, 2007), que articula reconhecimento e representação como dimensões indissociáveis da justiça. Para Honneth (2003), as lutas sociais passam por experiências de desrespeito, situações em que indivíduos ou grupos têm negadas as condições intersubjetivas necessárias ao desenvolvimento de uma identidade positiva. Fraser (2007), por sua vez, argumenta que o reconhecimento cultural, dissociado da redistribuição material e da representação política é insuficiente para produzir justiça em sociedades atravessadas por múltiplas formas de subordinação. A combinação dessas perspectivas permite compreender as lutas das guardiãs de sementes não apenas como disputas por visibilidade simbólica, mas como reivindicações por condições materiais, jurídicas e culturais que tornem possível a plena participação dessas mulheres na vida pública e na definição dos rumos da agricultura e da alimentação (Fraser; Honneth, 2003). A escolha do Coletivo Triunfo como campo de pesquisa justifica-se por sua singularidade enquanto experiência organizativa que articula, de maneira orgânica, práticas agroecológicas, identidade de gênero e luta política. O Coletivo reúne mulheres de diferentes gerações e trajetórias, unidas pelo compromisso com a conservação das sementes crioulas e com a construção de uma agricultura fundada em princípios ecológicos, de solidariedade e de soberania alimentar. Sua trajetória expressa, de forma exemplar, as tensões e potências que emergem quando mulheres camponesas decidem ocupar, coletivamente, o centro do debate sobre o futuro da vida no campo.

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como as mulheres guardiãs de sementes crioulas do Coletivo Triunfo constroem práticas agroecológicas que desafiam o modelo hegemônico de produção agrícola, e de que modo essas práticas se articulam às lutas por reconhecimento. Para alcançar esse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: 1. Interpretar as práticas de cuidado, manejo e circulação de sementes como trabalho reprodutivo e como forma de resistência comunitária, evidenciando sua dimensão política frequentemente apagada nas narrativas dominantes sobre agricultura e trabalho. 2. Analisar como as dimensões de amor/respeito, direitos e estima social, conforme a teoria do reconhecimento, se manifestam na experiência concreta das mulheres do Coletivo, examinando tanto os processos de reconhecimento quanto as experiências de desrespeito que motivam suas lutas. 3. Avaliar a articulação entre reconhecimento e representação na perspectiva de Nancy Fraser, investigando em que medida as lutas do Coletivo Triunfo integram demandas redistributivas, culturais e de paridade participativa nas esferas política, econômica e simbólica. 4. Compreender como o grupo produz formas próprias de conhecimento agroecológico, articulando saberes tradicionais, práticas populares e experimentação coletiva em um processo que desafia a dicotomia entre saber científico e saber popular.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, orientada pela perspectiva da pesquisa participante e pelos princípios da ética do cuidado no trabalho com comunidades. A escolha pela metodologia qualitativa fundamenta-se na natureza do objeto de

estudo numa tentativa de compreender processos de subjetivação, práticas culturais e dinâmicas relacionais que não se deixam capturar por instrumentos quantitativos ou pela lógica da neutralidade científica convencional (MINAYO, 2014). A aproximação ao campo será guiada pelo referencial da etnografia feminista (Haraway, 1995; Strathern, 2004), que propõe uma postura reflexiva sobre o lugar do pesquisador, implicando reconhecer as mulheres do Coletivo Triunfo não como objetos de investigação, mas como sujeitos epistêmicos cujos saberes têm valor intrínseco e devem ser tratados com rigor e respeito. Os procedimentos metodológicos a serem empregados incluem a observação participante com acompanhamento de atividades do Coletivo, incluindo práticas de cultivo, seleção e armazenamento de sementes, trocas comunitárias, reuniões organizativas e eventos públicos. Serão realizadas entrevistas narrativas com as mulheres guardiãs de sementes, as entrevistas terão caráter aberto e serão orientadas por roteiros semiestruturados que contemplem as trajetórias de vida, as memórias relacionadas às sementes e à agricultura, as experiências de reconhecimento e de desrespeito, e as perspectivas sobre o significado político do trabalho com sementes crioulas. Já a análise documental consistirá no exame de materiais produzidos pelo Coletivo Triunfo e por organizações parceiras, incluindo cartilhas, registros fotográficos, publicações em redes sociais, atas de reuniões e relatórios de atividades. Esses documentos serão tratados como fontes de informação sobre a trajetória do grupo e suas práticas de representação. A análise dos dados será pela análise de discurso de orientação qualitativa (Fairclough; Minayo, 2014), com atenção especial às categorias que dialoguem com o referencial teórico da pesquisa. A pesquisa será conduzida por protocolo ético, com obtenção de consentimento livre e esclarecido de todas as participantes, garantia de confidencialidade das informações sensíveis e compromisso de devolutiva dos resultados ao Coletivo em formato acessível e útil para suas lutas.

Resultados Esperados

A partir dos objetivos traçados e do referencial teórico-metodológico adotado, espera-se que a pesquisa produza resultados como o reconhecimento teórico do trabalho das guardiãs como trabalho reprodutivo politicamente qualificado que demonstre que as práticas de cuidado, manejo e circulação de sementes crioulas constituem uma forma de trabalho reprodutivo que vai além da mera reprodução biológica ou doméstica, mas como trabalho de reprodução social ampliada da biodiversidade, da cultura, da autonomia alimentar e da solidariedade comunitária (Siliprandi, 2015). Mapeamento das experiências de reconhecimento e desrespeito, identificando formas de reconhecimento que as mulheres experienciam na comunidade e redes de relações quanto a invisibilização, desqualificação e subordinação que enfrentam no contexto da agricultura. Análise das articulações entre reconhecimento e representação no sentido de como as lutas do Coletivo Triunfo integram demandas por redistribuição material (acesso à terra, ao crédito, às políticas públicas), por reconhecimento cultural (legitimação dos saberes tradicionais e das práticas agroecológicas) e por representação política (participação nas decisões sobre política agrícola e alimentar). Além das contribuições acadêmicas, espera-se que a pesquisa gere resultados concretos para o próprio Coletivo, incluindo materiais de comunicação sobre suas práticas e lutas, subsídios para a formulação de demandas junto a órgãos públicos e organizações parceiras, e o fortalecimento dos vínculos entre as integrantes a partir do processo reflexivo promovido pela pesquisa participante.

Conclusões

A pesquisa aqui proposta parte da convicção de que as mulheres guardiãs de sementes crioulas pertencentes ao Coletivo Triunfo vivenciam, em suas práticas cotidianas, uma forma de existência e de resistência que exigem explicações, de modo profundo, os pressupostos do modelo hegemônico de produção agrícola e as categorias dominantes com as quais as ciências sociais e agrárias habitualmente pensam o campo, o trabalho e a política. Ao guardar sementes, essas mulheres guardam muitos elementos, como memórias, relações, autonomias, futuros possíveis. Ao trocar sementes, estabelecem redes de reciprocidade que desafiam a lógica mercantil. Ao nomear, classificar e narrar as variedades que conservam, produzem conhecimento. Ao se organizarem coletivamente, constroem sujeitos políticos capazes de formular demandas, disputar espaços e imaginar alternativas. Compreender esse processo à luz das teorias do reconhecimento de Honneth e Fraser não significa enquadrar a experiência viva das guardiãs em categorias abstratas, mas sim utilizar essas categorias como instrumentos críticos capazes de evidenciar dimensões que, de outro modo, permaneceriam invisíveis ou subestimadas. A teoria do reconhecimento permite nomear as formas de injustiça que essas mulheres enfrentam, a invisibilização de seu trabalho, a desqualificação de seus saberes, a exclusão dos espaços de decisão e, ao mesmo tempo, evidenciar a riqueza e a potência das formas de reconhecimento que constroem entre si e com suas comunidades (Honneth, 2003; Honneth, 2013). Já na perspectiva de Frazer o olhar não será de romantização da experiência do Coletivo como se a luta por reconhecimento cultural fosse suficiente para transformar as condições materiais de vida das guardiãs (Fraser, 2001), mas sim um olhar para as desigualdades econômicas, para as barreiras de acesso a direitos e políticas públicas, e para as assimetrias de representação que limitam a participação das mulheres camponesas nas decisões que afetam suas vidas. Espera-se, ao final, que esta pesquisa contribua não apenas para o avanço do conhecimento acadêmico, mas para o fortalecimento das próprias lutas que investiga. Em um momento histórico marcado pela aceleração das crises climática, alimentar e democrática, as práticas e os saberes das guardiãs de sementes crioulas não são apenas objeto de estudo, mas ideias possíveis para mundos possíveis (SANTOS, 2006).

Referências

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FRASER, N. **Da redistribuição ao reconhecimento?** Dilemas da justiça na era pós‐socialista. In: SOUZA, Jessé (org.). Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília: UnB, 2001. Acesso em 02 dez. 2025. Disponível em https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/pt_BR/article/view/50109/54229.

FRASER, N. **Reconhecimento sem ética?** Lua Nova, n. 70, p. 101–138, 2007. Acesso em 02 dez. 2025. Disponível em https://www.scielo.br/j/ln/a/JwvFBqdKJnvndHhSH6C5ngr/?format=pdf⟨=pt.

HARAWAY, D. S**aberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Acesso em 24 abr.

2026. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** São Paulo: Editora 34, 2003. Acesso em 12 fev. 2026. Disponível em https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/843844/mod_resource/content/1/

HONNETH, A. **O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos**. Sociologias, Porto Alegre, v. 15, n. 33, p. 56–80, 2013. Acesso em 10 mar. 2026. Disponível em https://www.scielo.br/j/soc/a/8KhnhHgJWbTRBYgmvYpMQ3H/?format=pdf⟨=pt.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2014.

PETERSEN, P.; DAL SOGLIO, F. K.; CAPORAL, F. R. **A construção de uma ciência a serviço do campesinato**. In: PETERSEN, Paulo (org.). Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. Acesso em 10 mar. 2026. Disponível em https://aspta.org.br/files/2011/05/Número-especial.pdf.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latin**a. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Acesso em 25 ago. 2025. Disponível em https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia.** São Paulo: Gaia, 2003. Acesso em 10 mar. 2026. Disponível em https://zonamenosum.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/12/livro_vandana_shivamonoculturas_da_mente.pdf.

STRATHERN, M. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. Acesso em 13 maio. 2026. Disponível em https://alimentacaosaudavel.org.br/wp-content/uploads/2022/11/69. Mulheres_e_agroecologia_transformando_o_campo_as_florestas_e_as_pessoas.pdf.

TOLEDO, V.; B. B. Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais.** São Paulo: Expressão Popular, 2015. Acesso em 13 maio. 2026. Disponível em https://www.academia.edu/41378693/A_MEM%C3%93RIA_BIOCULTURAL.